

OS CINQUENTA anos de João da Mata: primeiro filme campineiro. Jornal da Cidade, Campinas, 03 set. 1973.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029724

Primeiro filme campineiro

Os cinquenta anos de

"João da Mata"

«Há cenas que, pela sua naturalidade e perfeição no desempenho, extasia ao assistente» — disse um crítico de cinema, depois de assistir a exibição de «João da Mata», o primeiro filme rodado em Campinas, em 1923, há cincoenta anos, portanto, quando surgiu nesta cidade a Phenix Film,, que seria o ponto de partida para outras promoções, que transformam Campinas num centro cinematográfico de singular importância e que é sempre lembrado, quando se focaliza a história da cinematografia brasileira.

A Phenix Filme foi, portanto, a primeira organização no gênero, em nossa cidade, produtora de um único filme, «João da Mata», argumento extraído de um drama escrito pelo saudoso Amilar Alves, que dirigiu o filme e que escolheu para intérpretes um grupo de rapazes filiados ao Grupo Dramático Benedito Otávio, do Externato S. Paulo, dentre os quais

Angelo Fortes, Antonio Ridrigues, Moacir dos Santos, Arnaldo Piniheiro e Luiz Laloni.

FINANCIAMENTO

A produção foi financiada por José Zigiati, Lincon Claudino Gomes e Vitorino Prata, sendo a parte técnica confiada a Thomaz de Tulio e Felipe Ricci, que hoje residem em S. Paulo e que estarão em Campinas nas comemorações que serão levadas a efeito pelo Centro de Ciências, Letras e Artes, para assinalar o cinquentenário de João da Mata, que foi o produto de muito esforço, idealismo e entusiasmo de todos os seus participantes, que sacrificavam a tranquilidade dos seus domingos para as filmagens, na base da improvisação e da boa vontade, bastando dizer que os refletores eram espelhos voltados para o sol, cujos raios castigavam terrivelmente a visão dos artistas e as caracterizações feitas às pressas. O sr. Alfredo Roberto Alves, filho de Amilar Alves, também

um afeiçoado do cinema, diretor de «Fernão Dias», possui, como verdadeiras preciosidades históricas, o material relativo à filmagem de João da Mata, um livro curioso, com as mínimas anotações e que certamente será exibido durante a Semana de comemorações que será levada a efeito.

UM ANO DE TRABALHO

Conta-nos José de Castro Mendes que a filmagem de João da Mata se processou em meio de verdadeiras peripécias. Nhana, caipira autêntica, que fazia o papel de mãe de João da Mata — o mocinho — era motivo de dores de cabeça, pela sua incompreensão total de que deveria fazer, por mais explicações que recebesse, movimentando-se com algum gesto mais aceitável, após exaustivo preparo.

O filme é uma autenticidade profunda, com cenas interessantes de uma colheita de café, fato que mereceu uma referência especial do abalizado crítico de ci-

nema, Carlos Ortiz. Com um ano de trabalho, João da Mata estava terminado. Sua exibição, na época, foi um sucesso, não só em Campinas como em S. Paulo e no Rio, merecendo uma crítica especial do Correio da Manhã. Há uma cena romântica, ingenua mas interessante, entre o caboclo e a sua querida, os dois passeando, correndo, volteando as árvores e um poço, tudo muito natural, belo e sugestivo.

Há uma cena de um desastre de automovel, truque que na época mereceu elogios unânimes, além de duas lutas impecáveis, que nada ficavam a dever aos «bangs-bangs» americanos que eram exibidos nos nossos cinemas. O argumento girava em torno de um caboclo que é expulso de suas terras por um fazendeiro ganancioso mas que volta um dia para rever o que lhe pertencia, o que consegue, depois de mil e uma peripécias. O papel principal, de João da Mata foi vivido por Angelo Fortes, que reside nesta cidade e que era conhecido como o «William Farnum». brasilei-

ro, numa comparação com um célebre cowboy americano, que era a sensação na época, ao lado de William S. Hart, Buck Jones e outros «cobras».

Quando na presidência do Foto Cine Clube, o nosso companheiro Braulio Mendes Nogueira promoveu, no Teatro Municipal, de saudosa memória, a exibição de «João da Mata», tendo sido realizado pelo sr. Henrique de Oliveira Júnior, o difícil trabalho de restauração e cortes da única cópia existente e que se encontrava em poder do sr. José Ziggianti. Foi um sucesso extraordinário! Críticos de S. Paulo vieram a Campi-

nas e ficaram maravilhados com a promoção. Usaram da palavra, na ocasião, o sr. Carlos Ortiz, cronista cinematográfico da «Folha da Manhã» e João Rodrigues Serra, o estimado jornalista, que foi, aliás, um elemento destacado no ciclo da cinematografia de Campinas, atuando em outra película, «Sofrer para gozar», primeira produção de um drama gênero far-west, e trecho

de E. C. Kerrigan, um norte-americano que apareceu por essas bandas e que chegou a ter atuação marcante na cinematografia campineira, merecendo, mesmo, um estudo especial.

Graças ao dr. Marino Ziggianti, presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes, alguma coisa pode ser salva de «João da Mata», pois o filme, já bastante danificado pela ação do tempo, foi transportado para 16 milímetros, pertencendo hoje ao acervo da cinematéca do Museu de Arte Moderna, de S. Paulo, devendo ser exibido novamente em Campinas, no decorrer das comemorações.

Depois de João da Mata, vieram outros filmes, «Sofrer para gozar», «A Carne», extraído do romance realista de Julio Ribeiro, «Alma Gentil» e «Mocidade louca». Desses filmes não existem cópias. Tudo foi destruído. «João da Mata» significou, todavia, o marco inicial do ciclo cinematográfico, que tem, como dissemos, grande importância na história da cinematografia brasileira.